

MARIANA CORTEZ

# LITERATURA E ARTES

GUIA  
para promover mediações  
de leitura literária

As crianças da escola passaram a ser acompanhadas por especialistas, professores, pedagogos, palhaços, ser-ventes, estagiários e alunos mais velhos durante o intervalo entre as aulas. A ideia era promover uma mediação literária. Foi assim que nasceu o projeto.

Medida me-  
adep-  
rança (máxima) e já aconteceu.  
ano

o-  
entimento  
mediado, Recreio  
unizado, Recreio



# LITERATURA E ARTES

**GUIA**  
para promover mediações  
de leitura literária

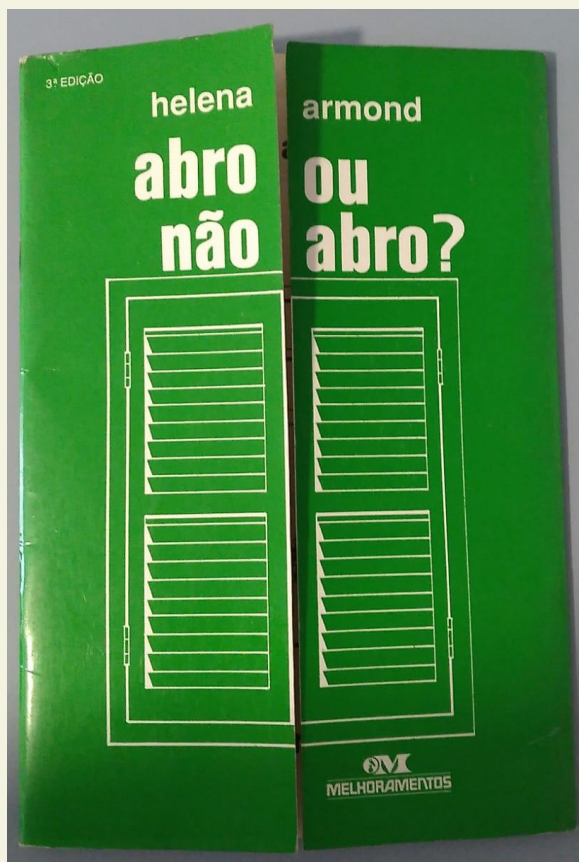
**MARIANA CORTEZ**

FOZ DO IGUAÇUL, 2024

# ÍNDICE

<b>Abrindo caminhos</b>	<b>04</b>
<b>O que é leitura?</b>	<b>06</b>
<b>O que é literatura?</b>	<b>09</b>
<b>O que é leitor literário?</b>	<b>11</b>
<b>O que é mediação de leitura literária?</b>	<b>15</b>
<b>Quem é o mediador de leitura literária?</b>	<b>19</b>
<b>Como fazer a leitura?</b>	<b>44</b>
<b>O que é conversa literária?</b>	<b>45</b>
<b>Como propor a resposta criativa com artes?</b>	<b>54</b>
<b>Caminhando com os próprios pés</b>	<b>65</b>
<b>Referenciais</b>	<b>67</b>

## Abrindo os caminhos para a literatura e as artes



Abro ou não abro. Autora: Helena Armond.  
Editora: Melhoramentos, 1997.

Todos devemos ter uma dose diária de ficção, ensina Antonio Candido (2004). Ler não diz respeito apenas a decifrar, mas antes, a viver a experiência contada. Todos os dias temos histórias para contar: quando chegamos da escola, quando conversamos com colegas, quando telefonamos para a família etc. Sabemos comentar os assuntos após escutarmos uma fofoca, sabemos falar sobre o que gostamos ou não em um filme. Se quando entramos em contato com histórias, comentamos e criticamos, isso também pode acontecer depois de escutar ou ler uma história na escola.

Em um país como o Brasil é consenso dizer que a escola é a porta de entrada para a leitura e a possibilidade de acesso ao livro de literatura. Formar leitores literários, no entanto, é um desafio, porque a natureza literária caminha na instabilidade das criações artísticas, deixando espaços vazios para o leitor, oferecendo múltiplas leituras que dependem de vivências e percursos dos leitores para completá-las.



Em razão dessas especificidades, a literatura como objeto de ensino gera inquietação, e alguns acreditam, ou já acreditaram, que ler literatura exige as mesmas habilidades de leitura que outros tipos de texto e que ensinar a ler (decifrar) seria suficiente; uns pensam que ler literatura é um momento lúdico, de entretenimento e de descanso na escola; e existem, ainda, aqueles que compreendem o papel da escola em formar um leitor literário, mas sentem dificuldade em saber como fazê-lo. Não há acordo, portanto, de como e por que ler literatura na escola, mas há, sim, inúmeras discussões e caminhos propostos. Temos a certeza de que a literatura deve estar na escola porque amplia o repertório cultural do aluno, que passa a conhecer melhor uma época e um contexto, aprende a ler um tipo de texto não literal que circula na sociedade. Além disso, o livro pode oferecer um tema gerador importante para os alunos, como a morte, o racismo, a separação dos pais etc. Então, como nós, professores, devemos trabalhar o texto literário na escola? Como transformar a leitura literária em objeto de ensino, com conteúdos a serem ensinados e avaliações que confirmem o processo de aprendizagem? Esta é a reflexão que se apresenta neste guia.

A inspiração para as práticas de mediação de leitura literária propostas se sustenta nas experiências do pedagogo e autor de livros infantis e juvenis Aidan Chambers (2007) e nas vivências de Reggio Emilia, especialmente o trabalho de Veia Vecchi (2017). Ao longo do guia, procuramos fazer uma breve apresentação de conceitos fundamentais para a discussão, tais como: leitura, literatura, leitor literário, mediação de leitura literária; e, na sequência, apresentamos um caminho de trabalho com a literatura e as artes na escola.

O que se sugere neste guia é um trajeto, mas ele não deve ser tomado como algo que está acima de todas as práticas e ações feitas ao longo do tempo nas escolas e pelos professores; antes, ele é um caleidoscópio, que muda o desenho a cada movimento do mediador. É um guia direcionado aos professores e professoras, muitas vezes experimentado por mediadores e mediadoras do projeto de extensão e pesquisa Vivendo Livros, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Este guia é dedicado às crianças e aos mediadores que “viveram” os livros.

## O que é leitura?

Quem disse que ler é fácil? Quem disse que ler é sempre alegria, e não risco e esforço? Justamente porque não é fácil, tornar-se leitor é uma conquista. Justamente porque não é fácil, não é possível tornar-se leitor sem o “desafio do texto” (Montes, 2001, p. 83).



Acervo da equipe de trabalho.

Sabemos que aprender e ensinar a ler não são uma tarefa fácil. Ler as letras impressas e entender simultaneamente as ideias exigem atenção e prática. Ler pode ser definido como decodificação de signos linguísticos, e a formação leitora depende de aprender a decifrar o que o texto informa. Da compreensão inicial, o leitor passa para a interpretação, que não é apenas extrair informações, mas também se movimentar no texto, utilizando estratégias como

seleção, antecipação, inferência e verificação. Estas estratégias podem ser uma habilidade adquirida nas experiências de vida, quando lemos as folhas que caem no outono ou as nuvens quando vem chuva. Ou podem ser exercitadas em sala de aula com a leitura de diversos tipos de textos, com objetivos e linguagens diferenciados: de um artigo de opinião a um filme de animação.

Coabitam nas discussões inúmeras concepções do que é leitura. Uma das teorias pensa que no ato de ler é importante buscar o que diz o autor; já outra entende que o texto é o elemento central, e o leitor deve estar atento ao que o texto diz, analisando a estrutura e reconhecendo as formas de expressão daquele texto. Em outra abordagem, o processo de lei-

tura não é apenas um acúmulo de informações, mas um conjunto de valores compartilhados pela sociedade, assim o ato de ler é também um ato político, no qual o contexto de produção e de recepção dos textos é fundamental para a compreensão de seus sentidos. Finalmente, há aquela corrente na qual o leitor é o protagonista, isto é, a leitura só acontece quando o leitor procede à decodificação, à compreensão e à interpretação. O leitor lê a partir de suas experiências de vida e de leituras, chamadas de repertório leitor.

Concebemos, fundamentados nesta perspectiva, que ler é estar em diálogo com o texto, a realidade e nossas vivências. O autor produz um texto e deixa espaços para o leitor compor e organizar suas ideias a respeito dele, seja ele informativo, ou um desenho, ou um filme, ou uma música etc.

Logo no início do letramento, como a aprendizagem é mediada pelo professor, cuidador, bibliotecário etc., ela acontece coletivamente em práticas de leitura em voz alta ou contação de histórias.

Aos poucos, a criança, já letrada, desenvolve uma relação íntima com a palavra e busca estratégias de seleção de livros de autores que conhece e gosta, de um livro que alguém indicou e, acima de tudo, quer ler solitariamente. Assim, a leitura transita entre o íntimo e o coletivo.



Acervo da equipe de trabalho.



Acervo da equipe de trabalho.

Em nosso país, entretanto, o modelo de leitura individual/íntima está longe de ser uma realidade entre crianças e adolescentes, porque há pouco acesso ao livro fora da escola. Para enfrentar esse desafio, os professores diversificam estratégias de leituras, promovendo ações como clube de leituras, hora do conto, dramatização de leituras etc. Estas são sempre ações coletivas, em que a leitura é compartilhada. Porém, cientes da necessidade da leitura de literatura nos lares, uma estratégia comum é o livro viajante, que busca a leitura individual ou com a família, tentando preencher a lacuna do acesso ao livro, que sai das bibliotecas escolares e chega às casas.

Sabemos, porém, que a leitura individual/íntima ainda é uma dificuldade, e a escola, os professores, os pesquisadores e as políticas públicas devem tê-la como foco para que essa dificuldade seja superada.

**“[...] compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la” (Colomer, 2007, p. 147).**

Sabemos, porém, que a leitura individual/íntima ainda é uma dificuldade, e a escola, os professores, os pesquisadores e as políticas públicas devem tê-la como foco para que essa dificuldade seja superada.



## O que é literatura?

As definições de literatura são muitas e foram se transformando com o passar do tempo. Para os nossos objetivos, tomamos as seguintes definições:

**1. Literatura como diferentes linguagens:** “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (Candido, 1995, p. 174).

**2. Literatura como experiência:** “[é] algo que explora, recria e busca significados para a experiência humana, porque explora a diversidade e a complexidade desta experiência” (Chambers, 2007, p. 22, tradução própria).

**3. Literatura como produto social:** “a obra literária é um objeto social. Para que exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (Lajolo, 1990, p. 16).

“[...] só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquivada, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura” (Barthes, 2000, p. 16).

A literatura convoca a desestabilização das ideias pré-estabelecidas, e os conflitos aparecem quando ela expõe sensivelmente uma situação, ou cria espaço para identificação com um personagem, ou até mesmo a partir da expressão artística (linguagem) faz sentir com o tato, a visão, o paladar etc. Por isso, pensamos que a literatura pode ser uma chave para enxergar o mundo em que se vive e construir novas formas de pensar e sentir as relações huma-

nas, desenvolvendo tanto habilidades cognitivas como afetivas.

Só que este lugar no qual a literatura nos coloca é incomodo. Por ser um texto criativo, dificulta a definição de modelos mais estáveis, como acontece em outros tipos de texto. Então, se a literatura é diferente de outros textos, como informativos e argumentativos, por utilizar uma camada “instável” de sentidos e formas, como transformá-la em objeto de ensino?

Se entendemos o texto literário como uma linguagem que, muitas vezes, foge do sentido literal, das regras gramaticais e dos padrões estruturais, concordamos que ele demanda uma leitura diferente. E como é um texto que circula na sociedade, mas está cada vez mais distante das casas das crianças, precisa estar na escola e se tornar uma prática frequente.



Acervo da equipe de trabalho.

## O que é o leitor literário?

Partimos da ideia de que os objetivos de leitura são diferentes, dependendo do tipo de texto que se lê. Alguns autores formularam a ideia de leitor literário, porque entendem que os leitores assumem diferentes papéis, e para cada tipo de leitura são exigidas habilidades diferentes. Nesse sentido, o texto literário exige um leitor apto para ler um texto com essas especificidades e instabilidades de linguagem, sentidos e padrões.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), quando descreve as 10 competências para a educação básica, destaca: “Valorizar as diversas manifestações artísticas e culturais, para fruir e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural” (Brasil, 2018). Então, se existe literatura (uma manifestação artística e cultural), existe um leitor de literatura, e a escola é responsável por sua formação.

**“Os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, devem privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias à formação de um bom leitor de literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor, narrador, personagem, ponto-de-vista, a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim, o estudo daquilo que é literário” (Zilberman, 1998, p. 43).**

Formar um leitor literário é desenvolver habilidades para enfrentar os desafios dessa manifestação artística específica, ou seja, o leitor literário tem que ter recursos e saberes pertinentes para ler e apreciar a literatura. Por princípio, o leitor literário não busca apenas conhecimento, informações ou dados, como costuma ser em outros textos, como o informativo ou argumen-

tativo. O leitor literário precisa ser um leitor disposto à descoberta, preparado para “jogar o jogo” do livro. É difícil encontrar respostas diretas na literatura, e o prazer e a aventura estão em descobrir as pistas, avançar, recuar, blefar etc. Tudo isso exige “treino”, e o exercício se faz fazendo, experimentando, lendo.



Acervo da equipe de trabalho.

Ao longo do jogo com o texto literário, perguntamos: o que vai acontecer na história? Será que este personagem vai ter coragem de fazer isso? Quem é o assassino? Eu vivi uma situação assim, como será que isso se resolve? Nesta situação, eu agiria com mais força? Se refletimos sobre estas perguntas dos leitores, descobrimos que a história é sobre um personagem e que podemos identificar o perso-

nagem principal; quando é o personagem que conta sua história, percebemos, mesmo sem dar nome, que é o protagonista quem conta (narrador). Também notamos que existem histórias que não são contadas pelo personagem, não sabemos exatamente quem conta, porque ele vê os acontecimentos a distância e não se revela, ou seja, é um narrador que não participa da história. Estas descobertas vão formando um leitor especialista, chamado leitor literário, e entendemos que é a própria leitura que faz o leitor atento às variações de padrão e às surpresas da história.

Outro recurso comum nos textos ficcionais é a identificação: queria viver uma história assim; quando meu avô morreu, senti a mesma emoção; gostei deste vilão; torci para que aquele homem perdesse a luta. Também pensamos sobre o próprio livro: a história vai terminar assim? Por que têm tantos detalhes nesta sala? Um personagem com essas características pode ser o assassino etc. Às vezes, esperamos que aconteça alguma coisa que nos surpreenda. Outras, não acontece nada. E aquelas his-



tórias em que conseguimos adivinhar tudo o que vai acontecer, por que conseguimos? Elas perdem a graça?

Todos esses pensamentos (antecipações) e perguntas nos levam a pensar em quem somos, a estarmos abertos para refletir sobre novas situações, a nos colocar no lugar do outro, a imaginar o futuro. Assim, vamos conhecendo o processo criativo da história, como o autor conduz o leitor por pistas e vazios, formando um leitor coautor, que tem consciência dos procedimentos literários.

**“Na literatura será difícil para o leitor encontrar soluções, mas encontrará nela um lugar para fazer perguntas, questionar o que se estabelece com o próprio julgamento, refletir sobre suas sombras e espaços ocultos, ou identificar-se com uma emoção, um sonho ou um problema. Mesmo que duvide ou hesite, o leitor terá, na literatura, um grande aliado para pensar por si mesmo (Cerrillo, 2016, p. 193, tradução própria).**

Para formar leitores literários, existem pelo menos duas práticas complementares que coabitam na escola: 1) incentivar o hábito e o gosto pela leitura e 2) formar um leitor apto para ler literatura.

Uma das práticas presentes na escola são as sessões de animação de leitura, que podem ser: hora do conto, contação de histórias, dramatização de algum livro etc. Essas ações são um exercício no qual o aluno cria vínculo com o livro (história), buscando um momento de prazer imediato. Acreditamos que, se o aluno gosta da sensação provocada por aquele momento, ele volta a ler, tornando-se um leitor frequente. Essa prática propõe atrair o leitor para as possibilidades que a literatura oferece: de imaginação, de jogo, de dramatização. Ela pretende estimular, compartilhar, transmitir o gosto pela leitura. Para isso, busca um ambiente agradável, marcante e com propostas instigantes, em que os alunos são mobilizados, e as atividades funcionam como “isca” para seduzir e manter o interesse dos futuros leitores. Essa atividade deve envolver o lúdico, a brincadeira.

A animação de leitura é muito presente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Já nos anos finais e no ensino médio, a escola tem por objetivo formar leitores aptos a ler o texto literário, ou seja, um aluno com habilidades para analisá-lo e interpretá-lo, demonstrando que leu o livro sozinho e que reconhece suas características e estrutura e por isso a animação desaparece da escola.

Nessa perspectiva, as pesquisas desenvolvidas sobre os estudos dos gêneros discursivos, em que estão dadas as orientações dos documentos oficiais e materiais didáticos, entendem que, para que o aluno se torne apto, habilidoso, eficiente para ler, deve reconhecer os gêneros e suas características. Isto é, o texto é classificado como uma fábula, uma carta, uma história em quadrinhos, ao obedecer a padrões de forma e conteúdo; e o aluno é ensinado a identificar características padronizadas do gênero: tem rima, remetente, moral da história etc. Também é importante localizar quais são os personagens, onde se passa a história, qual o fato mais

importante, qual o assunto do texto, entre outros; além de qual foi o contexto da produção: autor, leitor, onde circula, em que época etc.



Acervo da equipe de trabalho.

**A partir dessas definições e constatações sobre as práticas com literatura na escola, vamos apresentar um caminho para conciliar esses dois objetivos, chamando essa prática de Mediação de Leitura Literária.**

## O que é mediação literária?

Sabemos que a palavra mediação é usada em diversos contextos e tem sido associada ao exercício de “resolver conflitos” ou “favorecer aprendizagens”. Nosso objetivo neste guia é, especificamente, conversar sobre a mediação de leitura literária, favorecendo aprendizagens e sendo pensada como uma possibilidade para a sala de aula. Embora nossa proposta seja para a escola, isso não significa que as ações de mediação se restrinjam ao ambiente escolar, podendo também ser desenvolvidas em bibliotecas comunitárias, bibliotecas públicas e outras instituições socioeducativas e culturais.

Para Chambers (2007), o ato de leitura de literatura se desenvolve na medida em que falamos sobre o que foi lido, isto é, enquanto compartilhamos e falamos sobre as leituras, construímos ou ampliamos a compreensão e a interpretação do livro.

O autor diz que não temos consciência do que sabemos até nos ouvirmos dizer, isto é, precisamos nos escutar. Além disso, a entrada de um ouvinte na conversa significa que a prática tem um efeito público, estimulando que outras pessoas participem da atividade e ampliem as próprias ideias e pensamentos. Contar para o outro, seja para informar sobre nossos próprios pensamentos, seja para ter uma resposta — e o mais provável é fazer as duas coisas ao mesmo tempo —, faz com que aos poucos a gente se torne consciente das estratégias, tanto da informação em si como das formas como elas são contadas. Assim, aprendemos as artimanhas utilizadas pela linguagem literária, as quais, em um primeiro momento, podem não ser nomeadas, definidas, no entanto, sabemos como identificá-las, e o mediador, durante a conversa, pode introduzir os termos próprios dos estudos da literatura (personagem, narrador, tipos de narrativas, estrutura), oferecendo recursos para que as crianças “falem melhor” sobre o que leram.

A partir da troca de ideias, cada interlocutor aumenta sua capacidade de

pensar, e os limites da apreensão individual são ampliados, acrescentando as sugestões do outro na conversa. Por meio do efeito público de compartilhar nossos pensamentos é que chegamos a uma leitura, a um entendimento que ultrapassa, em muito, a leitura primeira a que chegaríamos sozinhos, porque agora se trata de uma reflexão coletiva.

A natureza mais interessante dessa experiência são as descobertas feitas durante a conversação. Percepções que até então o ouvinte desconhecia e não imaginava poder ampliá-las. Assim, conjuntamente, as redes de conhecimento solidário vão sendo desenvolvidas.

Essa construção coletiva de pontos de vista, de impressões sobre o texto lido são a essência das práticas de mediação de leitura literária que propomos. Quanto mais praticamos essas atividades de fala e escuta, mais nos lembramos do papel essencial que a conversa desempenha na vida de todos.

Lembrem-se, quando estamos em uma roda de amigos, quando saímos do cinema, quando recomendamos um livro, estamos compartilhando leituras e os sentidos daquela manifestação artística. Apesar de ser um processo habitual, quando comentamos e indicamos livros para amigos na escola, podemos torná-la uma dinâmica sistematizada para o aluno poder, aos poucos, ser consciente das estratégias da linguagem literária, desenvolvendo habilidades para:

**1. conhecer a arquitetura narrativa** (a construção de personagens, a organização com começo, meio e fim, a descrição do cenário, as antecipações e inferências do leitor);

**2. reconhecer-se no outro** (a identificação ou a empatia faz com que o leitor se coloque no lugar do outro, e isso contribui para um olhar mais sensível a situações diferentes daquelas vividas);

**3. construir suas próprias histórias** (a partir da leitura do livro, inventamos novas histórias, por isso um leitor “fala” muito diferente de outra pessoa sobre a mesma narrativa) e novas realidades;

**4. ter prazer em estar em contato com a ficção** e perceber que ela é um ambiente de aprendizagens, experiências e trocas.





Acervo da equipe de trabalho.

Então, para a escola desenvolver essas habilidades, a mediação de leitura literária proposta parte da ideia que:

**1. sabemos que o texto literário exige a coautoria do leitor**, pois oferece espaços para ele. Por isso, a mediação também deve estimular e facilitar o caminho da leitura. Durante o processo que propomos, a leitura é entendida por uma compreensão individual, mas também coletiva, assim exige “compartilhar experiências” para construir e ampliar sentidos;

**2. a leitura coletiva tem o compromisso de ser horizontal.** Mesmo o mediador tendo mais experiência de vida e de leitura, entendemos que cada participante da conversa tem suas histórias e pode explorar os textos a partir de diferentes perspectivas;

**3. assumimos que a mediação, longe de ser neutra, é sempre portadora de uma determinada visão de mundo** e atravessada por conceitos e práticas mobilizados por todos os envolvidos no processo, sejam os mediadores, sejam as crianças. Entendemos que os mediadores têm (e devem ter) um posicionamento recheado por suas experiências e memórias.

Acreditamos que, com as conversas literárias, formamos leitores aptos para ler literatura e desenvolvemos o gosto e o hábito da leitura literária, conciliando as duas práticas presentes na escola: 1) incentivar o hábito e o gosto pela leitura e 2) formar um leitor apto para ler literatura. Pensamos que incentivar o hábito de leitura e desenvolver habilidades específi-

cas para ler literatura não são objetivos separados, pois ambos são necessários para a formação de leitores. Assim, entendemos que o livro e a conversa sobre ele é que formam leitores literários e destacamos que esta é exatamente a prática que temos quando apreciamos uma expressão artística.

Além disso, insistimos que a escola precisa oferecer espaços para as experiências com leituras literárias, compartilhando entusiasmo, os enigmas dos textos e as possíveis conexões que o livro sugere. É a partir da vivência com a própria literatura que desenvolvemos habilidades de leitores. E se a partilha de ideias é intensa, surge na escola a comunidade de leitores, isto é, os valores culturais, as vivências, a construção de pontos de vista em diálogo também são estimulados e conduzem para um fortalecimento comunitário.

É fundamental que o participante da conversa se sinta parte de uma comunidade de leitores, com um repertório de vivências, experiências e cumplicidades. A conversa literária proporciona

aprendizagens sociais e afetivas, tornando-se a base para a formação de leitores.

**“[...] compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido” (Colomer, 2007, p. 143).**



Acervo da equipe de trabalho.

## Quem é o mediador de leitura literária?

A tarefa da mediação de leitura é fundamental para propor o primeiro contato entre o livro e a criança. No entanto, o mediador de leitura literária, em nossa proposta, não é aquele que apenas apresenta o livro, mas quem possibilita a leitura coletiva em que as experiências, os sentidos, as interpretações são conversados, dialogados.

Os mediadores, por isso, devem preparar o ambiente, dar voz ao texto literário, organizar a leitura compartilhada e conduzir, na sequência, a conversa literária. Esta prática deve ser planejada, já que cada livro apresenta características diferentes (livro ilustrado, narrativa acumulativa, livro de imagens, entre outros). O mediador também se disponibiliza para a escuta e interação, acolhendo as diferentes leituras e pontos de vista, e tem a tarefa de promover as negociações e construções de sentido com perguntas geradoras, tais como: esta bolsa vermelha que você gostou aparece com qual personagem? Quem tem poderes mágicos: o personagem ou a bolsa? Você acha que é a pessoa, e o seu colega que é a bolsa; será que o texto dá pistas para a gente descobrir? Vamos procurar juntos?

A conversa literária é um exercício “em voz alta”, é uma “construção de sentidos” narrada pelos participantes da experiência. Aquilo que habitualmente a gente faz sozinho, na nossa cabeça, durante a sessão de mediação faremos juntos. Deste modo, esta conversa não é uma “atividade” com respostas certas ou erradas, mas uma busca coletiva, porque entendemos que a leitura fica na gente de formas diferentes. É, sobretudo, uma experiência.

Talvez o professor queira que o aluno identifique aquele exato aspecto da história, pode ser que a criança entenda o ponto de vista do professor, mas pode ser também que a interpretação do professor esteja muito longe do que o leitor sentiu e percebeu na leitura. Por isso, não é raro que, quando alguém está contando sobre um filme que a gente já viu, a gente diga que precisamos assisti-lo novamente, porque não lembramos de nada do que o amigo comentou.

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (Larrosa, 2021, p. 18-32).

Sintetizando as ideias:

- 1. enfatizamos que o mediador criativo se reinventa a cada leitura.** Quando a construção do sentido é coletiva, há necessidade de o mediador adaptar seus objetivos a cada contexto e gerar espaços para a troca de experiências, nas quais todas as ideias devem ser escutadas e reconhecidas como importantes;
- 2. notamos que a prática de mediação supõe trocas** e requer conexões com a própria realidade

e experiência das crianças, para evitar imposições do mediador e verticalização sobre “o que se deve ler”, “o que se deve entender” e “o que se deve fazer” sobre a leitura e a escuta.



Acervo da equipe de trabalho.

Seguindo este caminho, vamos abordar cada um dos itens da mediação de leitura literária para que se possa elaborar uma proposta de conversa literária na sala de aula.

## A preparação do mediador

Do mediador de leitura literária — que podem ser professores, cuidadores, bibliotecários, mas que, em nossa proposta, é o professor —



depende: a seleção do livro, a criação do ambiente de leitura, o planejamento da conversa literária e a proposta para encaminhar uma resposta criativa.

As práticas de mediação de leitura literária são desenvolvidas posteriormente à seleção do livro, feita pelo professor, pois é o livro que orienta a proposta. O professor pode, sem dúvida, escolher um livro que atenda ao objetivo pretendido no planejamento anual. No entanto, os livros podem oferecer, e quase sempre oferecem, mais possibilidades.

A conversa literária que apresentamos se organiza a partir de cinco momentos: **a seleção**, a qual depende do gosto, valorização ou objetivos do professor; **a ambientação**, em que preparamos o ambiente de leitura para acolher o leitor e favorecer a sua entrada no ambiente mágico da ficção; **a leitura em voz alta**, realizada de forma contínua ou com pausas para a conversa; **a conversa literária**, que pode ser simultânea ou posterior à leitura, dependendo das características do livro ou do objetivo definido pelo professor; e, finalmente, propõe-se o encontro do leitor com o que “ficou” da leitura, ou seja, a **simbolização** da experiência por meio de respostas criativas.

*Passaremos por cada uma das etapas para ficar mais claro.*

## **Seleção: importância e sugestões**

Percebemos que, quanto mais o livro selecionado for metafórico e aberto (com diversas possibilidades de leitura), mais se intensifica a conversa com as crianças. Em outras palavras, os livros que não oferecem descobertas/surpresas não “movimentam o pensamento” além do que está dito na narrativa, por outro lado, as crianças, em nossa proposta, atuam como um “detetive” da leitura.

É fundamental que o livro conte uma história que possa ser “conversadas” pelos leitores não apenas pela temática abordada, mas também pela linguagem literária utilizada. Ou seja, a linguagem tem que oferecer múltiplos caminhos para a interpretação e criar espaços vazios que possam ser preenchidos

pelos leitores individualmente e em grupo. Os textos literários selecionados para a mediação devem desenvolver alunos curiosos, disponíveis para o diálogo e sensíveis para atuarem no mundo.

**“Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. Se não há um significado que requeira um esforço de construção, não se pode negociar o sentido; se a estrutura é sempre convencional, não se aprende a estar atento para anteciper ou notar as elipses; ou se não há ambiguidades interessantes, não há porque buscar indícios, reler passagens e discutir as possíveis interpretações” (Colomer, 2007, p. 149).**

Para concretizar um pouco mais esta ideia, Chambers (2007) diferencia os livros familiares dos surpreendentes. Familiares são aqueles que não saem da “zona de conforto” do leitor, a exemplo de um esquema de livros em série que repete sempre o mesmo padrão ou aqueles livros “contextualizados”, isto é, que têm relação com a idade ou situação vivida pelo leitor, com temáticas como *bullying*, conflitos com a família, morte etc.; atendendo a um objetivo muito delimitado e com um ensinamento explícito. Já os surpreendentes fazem com que o leitor pare para pensar, para entender, para “movimentar o pensamento” sobre o que aconteceu, o que levou à surpresa, mesmo tratando muitas vezes das temáticas mencionadas nos familiares, mas não de forma direta.

**“Não é sempre que um texto que reflete sua própria experiência que colocará em movimento o pensamento. Uma proximidade muito grande pode inclusive se revelar inquietante, ao mesmo tempo que ali, onde se produz a metáfora, onde se permite um distanciamento, um texto pode influenciar mais seus leitores (Petit, 2008, p. 136, tradução própria).**

Os livros infantis, por este motivo, não precisam corresponder exatamente àquilo que nos representa ou retratar um mundo que já conhecemos. Para dar mais caminhos para a seleção de livros, Evelyn Arizpe (2018) entende que há três “tipos” de narrativas literárias que potencializam as conversas literárias e podem ajudar durante a seleção:

**1. histórias-espelhos:** aquelas com as quais nos identificamos imediatamente;

**2. histórias-janelas:** aquelas em que nos percebemos e observamos o que está além de nós, mas o fazemos a distância;

**3. histórias-portas:** aquelas que permitem que o leitor saia de um lugar para entrar e vivenciar outro.

Além desta definição temática, podemos pensar sobre as características da linguagem literária e conciliá-las com os temas que queremos trabalhar.

<b>Livros “Diretos”</b>	<b>Livros “Abertos”</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>* Mensagem explícita</li><li>* Linguagem direta</li><li>* Construção linear dos personagens</li><li>* Desfecho previsível</li><li>* Infantilizações</li><li>* Lugares-comuns</li><li>* Ilustrações padronizadas e repetitivas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>* Plurissignificativo</li><li>* Possibilidade de interpretação (X=Y1, Y2, Y3 ...)</li><li>* Linguagem como “enigma”</li><li>* Personagens complexos</li><li>* Imprevisibilidade narrativa</li><li>* Objeto de arte único</li></ul>

“Sínteses, metáforas, importância da fisicalidade, atenção para repetição e variação. Atração pela cor, explorações gráficas não figurativas, invenções de sinais e de formas para tentar representar o mundo são elementos pertencentes ao mundo das crianças, mas também ao dos artistas (Colomer, 2007, p. 180).

Não podemos esquecer que os livros infantis ilustrados “ensinam” a ler (ter uma postura de detetive no ato de leitura) tanto a linguagem verbal como a visual. Assim, como caçadores de pistas, o leitor experiente (mediador) e os em formação (alunos) precisam se tornar jogadores do jogo do texto e ter muita atenção às sutilezas da literatura e das artes.

## Alguns exemplos de tipos de livros e narrações

**Livro com ilustração:** são livros cujos textos são acompanhados por uma imagem. A narrativa é contada pelo texto e não depende da ilustração para ser entendida.

**Livro de imagens:** livro com imagens em sequência que contam uma história sem palavras impressas, a qual deve ter personagem, acontece em um cenário, e o leitor precisa acompanhar a narrativa pela sequência das imagens.

**Livro ilustrado:** neste tipo de livro, o texto e a imagem são indissociáveis. Normalmente, os textos são mais curtos, e as imagens contam a narrativa com eles, por vezes podendo criar novas histórias.

“A relação com a imagem criou um gênero absolutamente inovador no panorama literário através dos álbuns (livro ilustrado), a possibilidade de usar novos materiais explorando as relações entre o jogo e a ficção [...]”(Colomer, 2007, p. 131).

**Conto curto:** histórias curtas com personagens, cenário e tempo determinados e com um assunto impactante que faz pensar.

**Contos de tradição oral:** narrativas fluidas, normalmente contadas por um narrador externo aos acontecimentos, com marcadores de histórias orais e indicações de que passaram por gerações.

**Histórias cumulativas:** caracterizadas pela repetição de ações ou falas. Ou seja, as ações ou as falas se acumulam, e ao final da narrativa temos uma sequência de repetições que se somam e constroem uma única história.

Vale lembrar que a proposta é a seleção de livros para a mediação de leitura literária, isto é, para serem lidos em voz alta na escola. Esta seleção deve ter em conta os objetivos da mediação de leitura literária e as características do livro para ser compartilhado. Por isso, o livro precisa ser escolhido pensando no que ele diz (temática) e como diz (características da linguagem literária).

**“O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras ‘verdadeiras’, é essencial” (Petit, 2009, p. 154).**

Este é um guia de leitura com perguntas para orientar a escolha:



<b>PERGUNTAS-GUIA PARA A SELEÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Qual é a história do livro?	
Quem são os autores e ilustradores?	
A história é longa ou curta?	
O texto tem ritmo, cadência de leitura?	
O livro tem várias histórias?	
A história é contada por um personagem ou é uma narração distanciada?	
É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	
A ilustração conta uma ou várias histórias diferentes da história do texto escrito?	
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	
As crianças do seu grupo já leram outros livros destes autores e ilustradores?	
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	
Por que devo escolher este livro?	

Aqui estão alguns exemplos de livros infantis:

## Livros para os bem pequenos



Autora e Ilustradora: Susanne Strasser.  
Editora: Companhia Das Letrinhas.

### >> *Muito cansado e bem acordado*

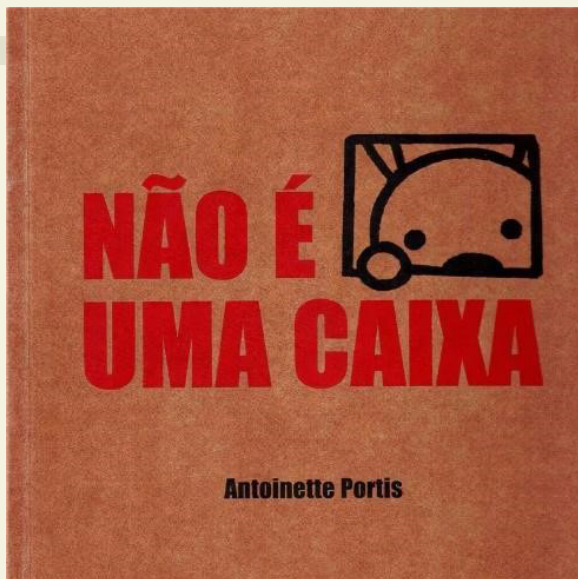
**Resumo:** *Muito cansado e bem acordado* é um livro de história cumulativa, ou seja, a cada página entra um novo personagem/elemento ou parte. No caso deste livro, são personagens animais: o porco-espinho, a raposa, o burrico, o pelicano e o jacaré que vão aparecendo. Todos eles estão dormindo e muito cansados. Mas a foca está acordada. E ela acaba saindo do seu quarto e indo para outro. Na sequência, outro animal acorda e faz o mesmo, e assim todos aparecem e se juntam em um novo ambiente.

### *Bem lá no alto* <<

**Resumo:** No alto de uma casa, há um bolo. Um urso quer muito alcançá-lo, mas não sabe como fazer. A cada página vai aparecer um animalzinho que vai ajudá-lo fazendo uma escada. Este é um conto cumulativo com uma surpresa no final.



Autora e Ilustradora: Susanne Strasser. Editora:  
Companhia Das Letrinhas.



Autora e ilustradora: Antoinette Portis.  
Editora: Cosac Naify.

## >> *Não é uma caixa*

**Resumo:** *Não é uma caixa* conta a história de um protagonista que pela imaginação vai transformando uma caixa de papelão em diferentes objetos, por exemplo, um foguete. O livro é um jogo para a imaginação, e a cada página o leitor tenta descobrir em que o personagem irá transformar a caixa. O título do livro e sua capa já dão pistas sobre o que virá na história. A própria capa (textura e forma) remete a uma caixa de papelão.

Como os livros ilustrados também ensinam a “ler” e “apreciar” imagens, este livro faz referência a um importante artista: René Magritte, desenhista, pintor e ilustrador belga, que trabalhou até meados do século XX. Em um quadro chamado *A traição das imagens*, em que aparece a imagem de um cachimbo e a frase “Isso não é um cachimbo”, questionou se a arte tinha que representar o mundo.



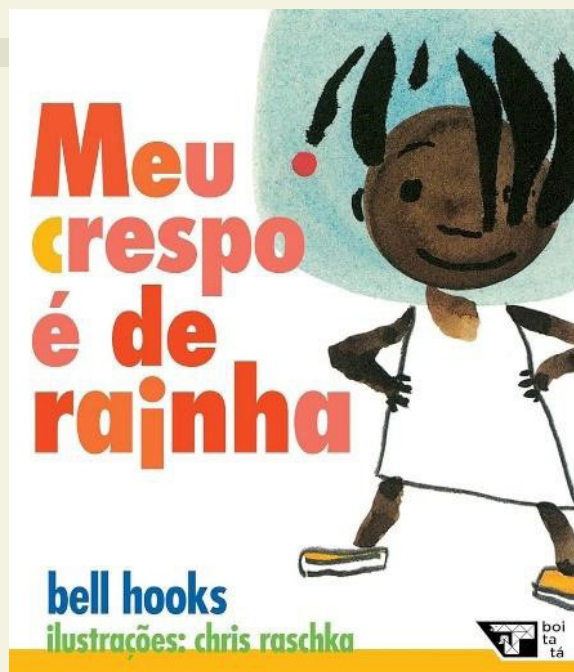
*A traição das imagens*, de René Magritte (1929).



Portis (2012).

## Meu crespo é de rainha <<

**Resumo:** Publicado originalmente em 1999 em forma de poema rimado e ilustrado, é um livro descritivo de reconhecimento do cabelo crespo e da identidade negra. Ele apresenta vários penteados, texturas, possibilidades de se orgulhar do cabelo crespo. É uma história para valorizar e empoderar as crianças negras e ensinar para as outras crianças sobre a diversidade que existe em diferentes formas de ser.



Autora: bell hooks.  
Ilustradora: Chris Raschka.  
Editora: Boitempo

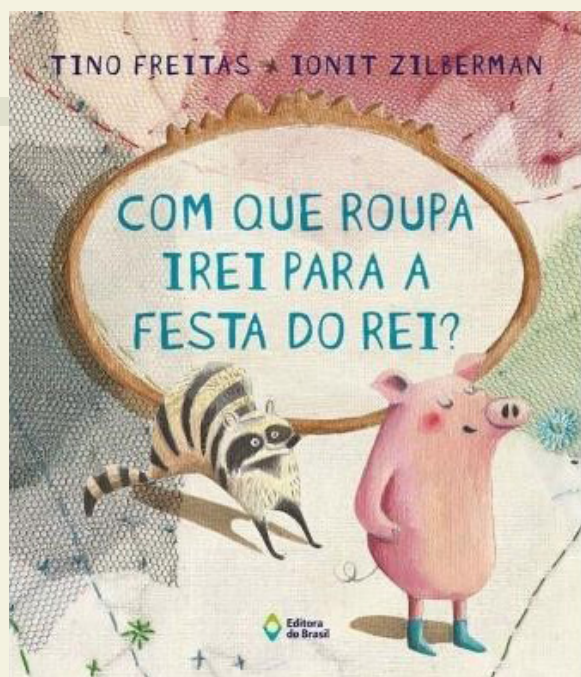
Preenchemos o quadro de seleção a seguir como exemplo:

PERGUNTAS-GUIA PARA A SELEÇÃO	DESCRIÇÃO
Qual é a história do livro?	É um livro descritivo sobre as possibilidades e valorização do cabelo crespo.
Quem são os autores e ilustradores?	bell hooks/ chris raschaka.
A história é longa ou curta?	Curta
O texto tem ritmo, cadência de leitura?	É um poema com bastante ritmo de leitura.
O livro tem várias histórias?	Não.
A história é contada por um personagem ou é uma narração distanciada?	Pelo personagem.



É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	É um livro ilustrado que precisa das imagens.
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	Tinta aquarela.
A ilustração conta uma ou várias histórias diferentes da história do texto escrito?	Uma história, a qual precisa do texto.
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	Não. Remete a desenhos de criança.
As crianças do seu grupo já leram outros livros destes autores e ilustradores?	Não.
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	Não há muitas informações.
Por que devo escolher este livro?	Tema importante e ritmo da narrativa.

## Livros para crianças um pouco maiores



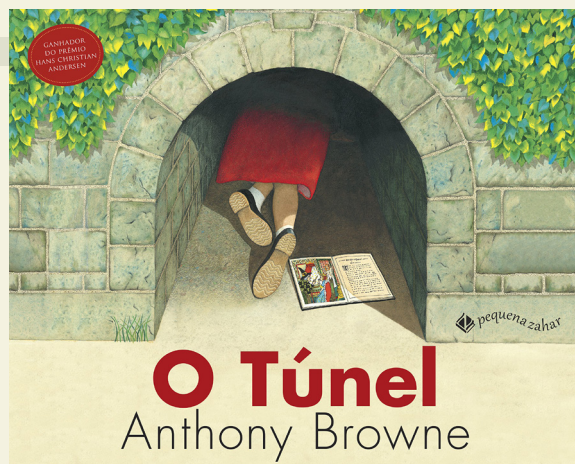
Autor: Tino Freitas.  
Ilustrador: Ionit Zilberman.  
Editora do Brasil

### >> *Com que roupa irei para a festa do rei*

**Resumo:** O conto popular “A roupa nova do rei” serviu de inspiração para o autor criar *Com que roupa irei para a festa do rei?*. No início da história, o rei convida os animais da floresta para uma festa. Cada um dos bichos começa a idealizar e encomendar vestimentas para o baile. Todas as roupas são inusitadas e fazem referências a personagens bem atuais. Apenas um dos bichos, o jabuti, surpreende com a roupa, invertendo a história de inspiração. As ilustrações ampliam a compreensão da obra e acrescentam-na

### *O Túnel* <<

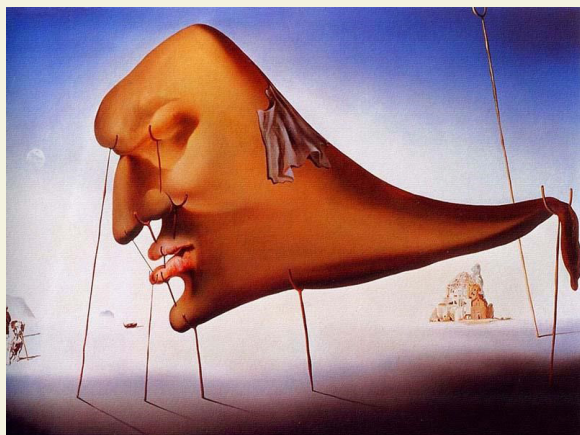
**Resumo:** *O Túnel* é um livro ilustrado que conta a história de dois irmãos que não se pareciam em nada, porque a irmã ficava dentro de casa, sozinha, lendo e sonhando, e o irmão brincava fora de casa, rindo, jogando bola e bagunçando. Por essas diferenças, os dois brigavam o tempo todo. Um dia, cansada das brigas, a mãe manda os dois para fora de casa para que se entendam, porém, cada um fica no seu canto, até que encontram um túnel, e o menino decide se aventurar. As imagens começam a tomar as páginas e são sombrias. Cada árvore da floresta pode se transformar em outra coisa, como um lobo, uma cobra. Há na história muitas referências aos contos tradi-



Autor e Ilustrador: Anthony Browne.  
Editora: Pequena Zahar

cionais, como “João e Maria” e “Chapeuzinho Vermelho”, e também a artistas visuais, como Salvador Dalí. É um livro para ser lido e observado com cuidado.

Salvador Dalí foi um pintor espanhol considerado o mestre do movimento de vanguarda do surrealismo. As ilustrações do livro *O Túnel* recuperam a atmosfera e referência aos suportes representados neste quadro:

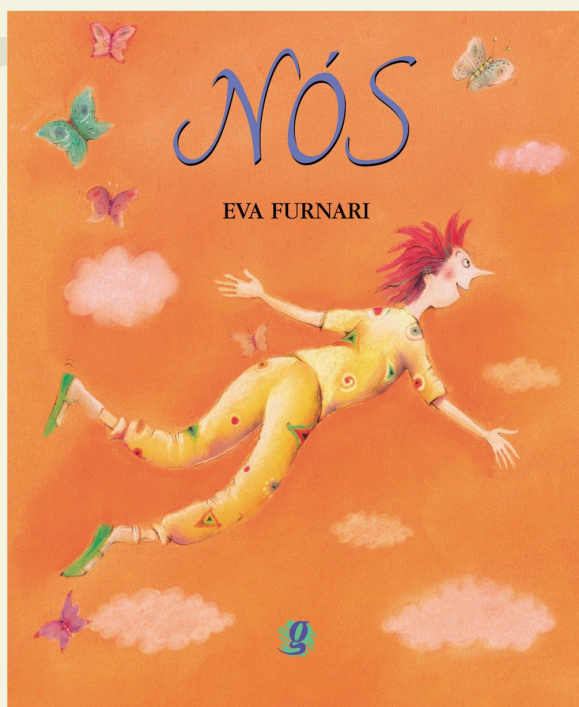


*O sono*, de Salvador Dalí (1937).



Browne (2015).

## Livros para os que são um pouquinho maiores



Autora e Ilustradora: Eva Furnari.  
Editora: Moderna.

### >> *Nós*

**Resumo:** A personagem Mel estava sempre rodeada por borboletas, e os habitantes da sua cidade insistiam em zombar dela. Certo dia, sentiu um repuxo no pé, era o seu dedinho que tinha dado um nó. Cada vez que as pessoas zombavam dela, nascia um novo nó em seu corpo: na perna, nas mãos, na garganta. Até que ela resolveu sair da cidade e conheceu um mundo com pessoas diferentes.

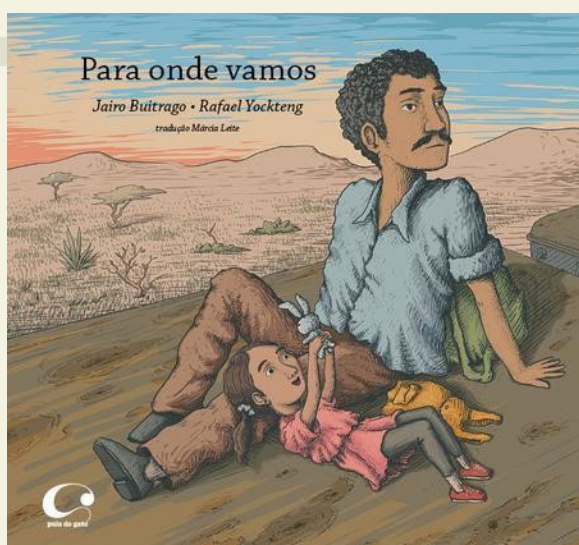


## Clara e o homem na janela <<

**Resumo:** A mãe de Clara pede para que ela leve uma cesta com a roupa lavada para a casa de um homem que ninguém nunca viu. Ela deve deixar a cesta, e ele colocará as moedas na porta como pagamento. Clara começa a pensar como é aquele homem e por que ele nunca sai. Aos poucos, eles vão se conhecendo, e ele a convida para entrar. A casa dele é cheia de livros, objetos e memórias. A amizade deles vai se intensificando, e os livros são um elo entre eles. Finalmente, o homem conta para ela o seu segredo.



Autora: María Teresa Andruetto. Ilustradora: Martina Trach. Editora: Ameli



Autor: Jairo Buitrago.  
Ilustrador: Rafael Yockteng.  
Editora: Pulo do Gato

## >> Para onde vamos

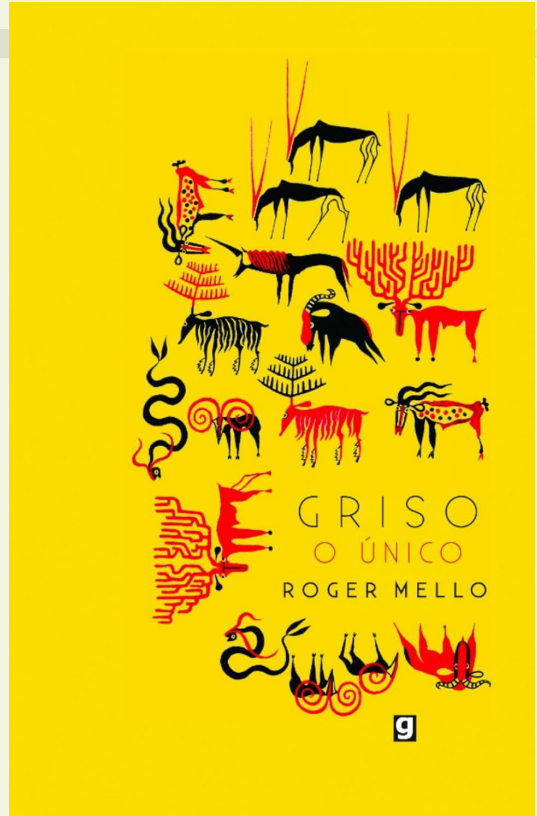
**Resumo:** Uma menina viaja com seu pai, mas não sabemos aonde vão. No caminho, há travessias de barco, trem, caminhonete. Ela vai aprendendo a contar os animais, as nuvens, as pessoas e as estrelas do céu. Eles buscam o coitado, que faz referência aos atravessadores na fronteira entre México e Estados Unidos. Este é um livro ficcional, mas retrata uma situação social real.



## Griso: o único <<

**Resumo:** Griso é um unicórnio que galopa por toda a planície à procura de um semelhante, mas por onde passa, não tem sucesso. Assim, ele vai conhecendo vários lugares. Em cada página, há a referência a um estilo de artes visuais diferente (arte germânica, rupestre, egípcia etc.).

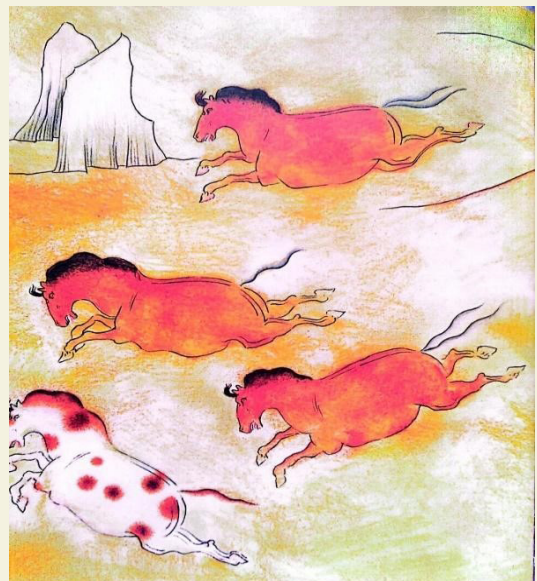
“Arte rupestre é o nome dado às primeiras produções artísticas realizadas pelos seres humanos durante a Pré-história. [...] São pinturas feitas nas paredes de cavernas, mas também foram verificadas outras manifestações, como as esculturas e as cerâmicas [...]” (Pinto, 2024).



Autor e Ilustrador: Roger Mello.  
Editora: Global

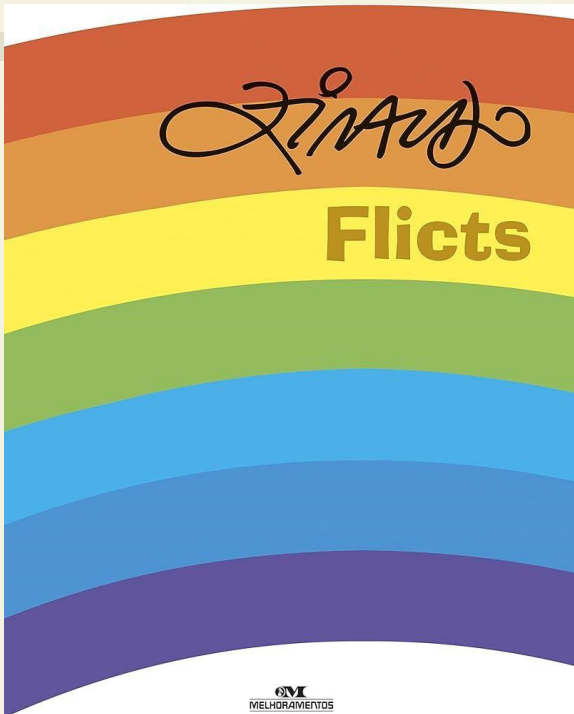


Arte rupestre – Piauí Brasil.



**Dica:** Alguns livros podem ser lidos em uma mesma sessão de conversa literária, pois reforçam ou fazem um contraponto ao livro “principal”, que pode ser tanto em relação à temática (o que o texto diz) quanto pelas características expressivas do livro (como o texto diz).

Segue um exemplo:

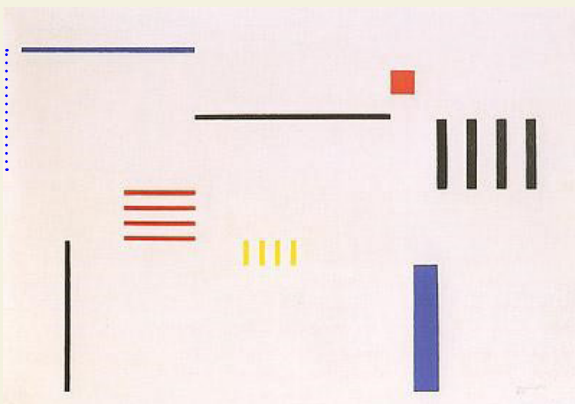


### >> *Flicts*

**Resumo:** *Flicts* é uma cor que sai em busca de um lugar, porque tudo no mundo tem cor. Ela passa por muitos lugares: caixa de lápis de cor, arco-íris, sinais de trânsito, bandeiras. Mas nada no mundo é *Flicts*. Então, ela desiste de procurar, mas no final há uma surpresa.

Autor e ilustrador: Ziraldo.  
Editora: Melhoramentos

Tanto *Flicts* como *Griso* estão em busca de seu lugar no mundo, e por isso podem ser trabalhados juntos. Além disso, em *Flicts*, há referência ao estilo artístico de um movimento chamado concretismo.



*Concreção*, de Luiz Sacilotto (1952).



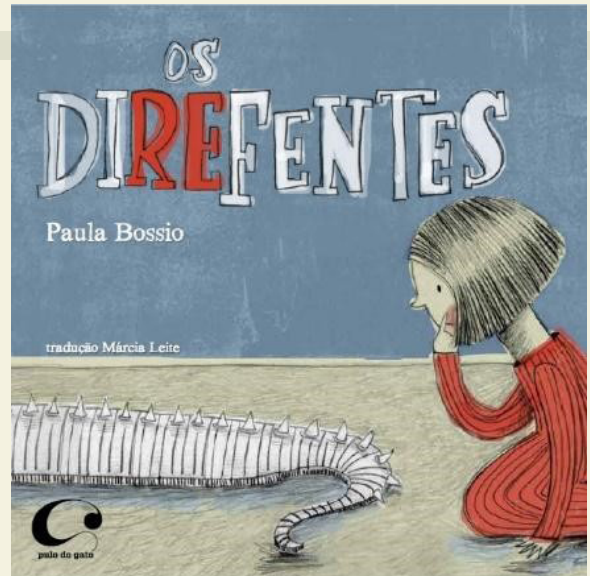
Ziraldo (1969).

## Os diferentes <<

**Resumo:** Uma menina acorda e, ao andar pelas ruas, faz estranhas descobertas. As pessoas estão ou são muito diferentes. A menina volta para casa e questiona a mãe sobre as diferenças entre pessoas, mas fica bastante em dúvida com a resposta e vai refletindo qual é a opinião dela sobre essas diferenças. Este livro precisa tanto das palavras como das imagens para ser lido.

A referência artística é o movimento surrealista já explicado. Este livro pode ser lido conjuntamente com a obra *Tudo muda*.

*O quarto de Arles*, de Vincent Van Gogh (1888).

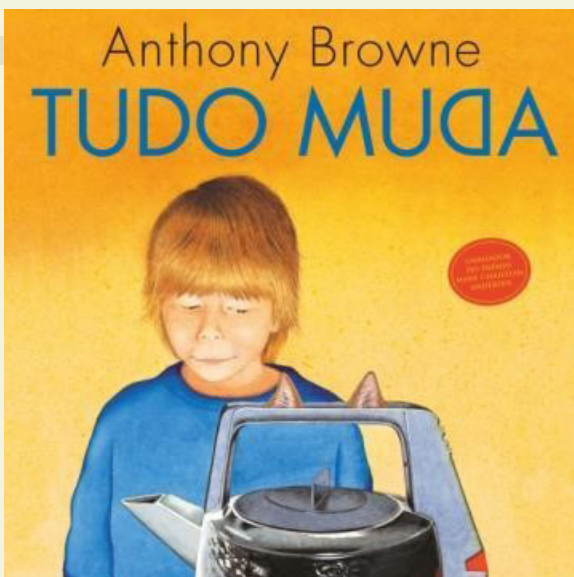


Autora e ilustradora: Paula Bossio  
Editora: Pulo do Gato



## >> Tudo Muda

**Resumo:** O livro conta a história de um menino que vê sua vida transformada, rabos de jacaré, chaleira com orelhas, sofá-gorila etc. Os pais do garoto não estão em casa, e ele fica sem entender. Até que os pais chegam e trazem um bebezinho, transformando sua vida. No livro também há referências ao movimento surrealista.



Autor e ilustrador: Anthony Browne  
Editora: Pequena Zahar.



## ***O pássaro encantado*** <<

Resumo: Neste livro, a autora nos conta sobre uma figura poderosa e mágica, sua avó, que narra a história de um pássaro encantado que traz de volta a felicidade a uma comunidade que estava triste com a morte de um ancião. Os avós são figuras muito importantes para os povos indígenas, pois apresentam os costumes, as memórias e os ensinamentos para a vida.

A capa e a contracapa são importantes neste livro porque contextualizam os potiguaras e a vida da autora e da ilustradora. A sugestão é que estes paratextos (textos explicativos) sejam utilizados para preparar a conversa.

Vamos dar outro exemplo de como preencher o quadro para a seleção de um livro como *O pássaro encantado*, por ele não ser uma obra em que o texto verbal depende do visual, devendo ser trabalhado em leitura contínua para os alunos aproveitarem também a forma de narrar.



Eliane Potiguara  
Ilustradora: Aline Abreu  
Editora: Jujuba

<b>PERGUNTAS-GUIA PARA A SELEÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Qual é o objetivo da leitura?	Propor uma conversa literária.
Qual é a idade do grupo?	8 a 9 anos.
Qual é a história do livro?	É uma história dentro de outra história, que faz uma reflexão sobre a morte e apresenta um pensamento da comunidade potiguara.
A história é longa ou curta?	É longa: 10 minutos em voz alta.
O texto tem ritmo, cadência de leitura?	Tem cadência de contação de histórias tradicionais
O livro tem várias histórias?	Existe uma história dentro da outra.
A história é contada por um personagem ou é uma narração distanciada?	É contada pelo personagem.
Qual é o tipo de livro (de imagem, ilustrado, com ilustração, história cumulativa)?	É um livro com ilustração, mas a leitura do texto não depende dela.
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	A ilustradora apresenta as técnicas utilizadas nas páginas finais do livro.
A ilustração conta uma ou várias histórias diferentes da história do texto escrito?	Conta a mesma história, mas destacando um aspecto específico. Em uma das páginas, não há texto, só a imagem de um pássaro encantado.
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	Arte indígena.



Quem são os autores e ilustradores?	Eliane Potiguara e Aline Abreu, cuja biografia está nas páginas finais do livro.
As crianças do seu grupo já leram outros livros destes autores e ilustradores?	Não.
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	Sim, principalmente a explicação sobre quem são os potiguaras. Vale a pena trabalhar com este texto.
Por que devo escolher este livro?	Pela temática indígena.

Depois de escolher o livro, vamos preparar a mediação de leitura literária, lembrando que estas etapas são flexíveis. O mediador pode uni-las, deixar de fazer uma, acrescentar novas etapas e assim por diante. Aqui oferecemos um guia para a organização das conversas literárias, mas ele não é uma receita, e sim um caminho.

**“[...] é criativa uma mente que trabalha, que sempre faz perguntas, que descobre problemas onde os outros encontram respostas satisfatórias (na comodidade das situações onde se deve farejar o perigo), que é capaz de juízos autônomos e independentes, que recusa o codificado, que remanuseia objetos e conceitos sem se deixar inibir pelo conformismo” (Rodari, 1982, p. 164).**

## **Preparação do ambiente de leitura**

O espaço da sala de aula ou da biblioteca escolar deve ser transformado em um ambiente mágico e pode ser preparado para “dar pistas” da história que será contada. Para esta preparação, são colocados elementos/objetos que

remetem ao livro, como se a gente transferisse a atmosfera da história para o ambiente em que ela será lida.

Entrar no universo especial da fantasia, como é nossa proposta, reforça a ideia do “era uma vez”, é um *click* para viver a experiência. A ambientação permite que os leitores tenham suas experiências individuais com os elementos ali dispostos antes mesmo da história começar e que as crianças tenham vivências coletivas unidas pelo ambiente partilhado.

**“[...] as crianças conhecem por meio do corpo, da sonoridade, da linguagem gráfica pictórica, plástica... Desse modo, o que aparecia era que as linguagens expressiva/poéticas eram linguagens empáticas com o modo de conhecer das crianças, ou seja, linguagens em sintonia, em relação emotiva, afetiva, relacional e cognitiva com o modo de conhecer das crianças e entre elas” (Vecchi, 2017, p. 99).**

É importante que na ambientação a história não seja totalmente revelada. Nunca deve ser oferecido um ambiente pronto, acabado, que conduz a uma leitura fechada da história. A ambientação deve ser uma possibilidade, uma sugestão, e não uma figuração decorativa com reproduções de personagens, por exemplo. A ideia é oferecer “pistas” capazes de instigar a curiosidade das crianças.



Acervo da equipe de trabalho.

Como o professor, muitas vezes, tem autonomia sobre a sala (a sala é sua!), seria importante que as crianças chegassem ao ambiente com ele já transformado, porque elas teriam uma surpresa inicial, gerando expectativa. Essa ambientação funciona como uma autorização para a entrada no universo da fantasia, um portal para as histórias. Vale lembrar que não precisa ser nada complexo e que ocupe todo o tempo do professor com decorações detalhistas e padronizadas.

**“Os materiais podem ser diferentes em dimensão, cor, matéria, taticidade, sonoridade, mas que sejam capazes de acender a memória sobre experiências vividas. Nossa mente é capaz de conectar planos e níveis muito diferentes, e uma percepção pode evocar memória e narrar uma cena quando esta vem à tona” (Vecchi, 2017, p. 56).**

Exemplos de materiais:

**Material decorativo:** é aquele que compramos e, normalmente, é derivado do plástico. Para a decoração, buscamos referências prontas e com figuras conhecidas, por exemplo, figuras humanas, personagens conhecidos de histórias infantis e decorações para comemorar alguma data importante. Esses materiais e figuras são fechados, não oferecem caminhos para a imaginação, são apenas identificações e reforço do que já é conhecido. Além disso, são pobres em texturas (liso e macio), utilizam apenas as cores (primárias) e as formas são restritas (retas e círculos). A consequência de optar por este tipo de material é deixar a criança em um lugar que ela já conhece.

**Material sugestivo:** é aquele que inventamos, em que utilizamos objetos com funções diferentes daquelas para as quais foram criados. Ele explora cores, formas, texturas diversas, possibilita a imaginação, não está pronto, causa estranhamento, não é facilmente reconhecido.

“O material que usa pode também ser empregado para provocar nas crianças o sentimento de que a arte não precisa mais ser feita apenas com materiais comprados e de alto custo. Mas pode ser criado com papel, caixas, transparências, pode ter sons, aromas, luzes, palavras, e tantas outras possibilidades e provocações” (Diefenthaler, 2021, p. 144).



Material decorativo



Material sugestivo

A preparação do ambiente pode partir das respostas dada ao quadro sobre a escolha do livro, pensando na temática (o que o livro diz), o modo de contar e as técnicas artísticas utilizadas. Sugerimos o trabalho com materiais e linguagens variadas (tecidos, elementos da natureza, temperos, objetos com texturas diferentes, música) e que também estimulem as sensorialidades: tato, visão, paladar, olfato e audição.



**Dica:** As ilustrações dos livros infantis são bastante ricas. Muitas delas fazem referências a artistas visuais, utilizam técnicas (guache, pastel, aquarela, digitalizado) diferentes e às vezes experimentam materiais (papel couchê, reciclado, rugoso). Alguns livros também trabalham formas que instigam a lê-los como se fossem um objeto.



Jogo da memória criado pela equipe do projeto.



imagem do livro "Griso".



imagem do livro "Ter um patinho é útil", livro sanfonado-objeto.



imagem do livro "Cena de rua", referência ao expressionismo.



## Como fazer a leitura?

Durante a preparação da mediação de leitura, o mediador deve pensar nas características do livro para poder planejar a leitura. Relembrando, na mediação de leitura literária que propomos, utilizamos a leitura em voz alta e compartilhada. Valorizamos o livro de literatura, e a ideia é que a narrativa não seja alterada, nem a ordem de leitura, nem as palavras. Nessa prática é necessário ser fiel ao livro, dando oportunidade para a criança ampliar suas vivências com a leitura.

Ressaltamos ser fundamental que a história seja lida com o livro nas mãos do professor, para as crianças entenderem desde cedo que as histórias estão nos livros e que para conhecê-las é preciso ler.

**“Um dos aspectos mais óbvios, mas também mais notáveis da leitura em voz alta é seu efeito de vincular socialmente. Aqueles que leem juntos sentem que pertencem a uma comunidade, porque nada une mais que compartilhar experiências imaginárias; e se sentem fisicamente unidos, porque a leitura em voz alta é essencialmente uma atividade doméstica, familiar” (Chambers, 2007, p. 84, tradução nossa).**

Quando o livro escolhido tiver uma narrativa contínua com aspecto de história da tradição oral, o ideal é uma leitura sem paradas. Caso o livro seja ilustrado, no qual palavra e imagem devem ser apreciadas, é necessário ter pausas para a observação das imagens — se o número de alunos for grande e o mediador optar por deixá-los nas carteiras, será preciso ampliar as imagens, no projetor ou selecionando algumas imagens para fazer cópia em papel A3 para as crianças terem acesso a elas. Por fim, para um livro de imagens, deve haver o silêncio ou a leitura dialogada, isto é, o mediador vai estimulando as crianças a descreverem a história que o livro conta.

## O que é a conversa literária?

Depois de escolher o livro, entender quais são as suas potencialidades e decidir sobre o ambiente de leitura, o passo seguinte é planejar a conversa. E o que é a conversa literária?

- 1. É um espaço para conhecer o outro e reconhecer-se.** Assim nos entendemos como mediadores e participantes e somos entendidos pelo grupo;
- 2. É um ambiente potente** para a formação de leitores;
- 3. É um lugar de troca das leituras,** dos comentários e das interpretações sobre o livro.

Nesta etapa, o mediador usa a leitura como promotora de vínculos sociais, indagando e estimulando, por meio de perguntas, as crianças a falarem a respeito da história e das mais diversas possibilidades de leituras e interpretações. A proposta dá ênfase à oralidade e tem por objetivo tanto a aproximação individual do objeto literário como a coletiva, já que será realizada por todo o grupo. Compreendemos que a criança se forma leitora a partir da interação com o livro, com a leitura de colegas e com a experiência de vida de cada um.

A conversa literária consiste na interação entre os participantes sobre um determinado texto. Mas vai além de apenas compreender o livro: a experiência de leitura é colocada para “fora da cabeça”, ela é relatada em voz alta pelas crianças, que partilham suas impressões, sensações, intuições, e expõe-se o entendimento de cada colega, professor, bibliotecário, construindo uma leitura coletiva.

Compartilhar histórias com outras pessoas é importante porque torna possível aprender com as ideias e opiniões dos outros para construir um sentido ou diferentes sentidos. Além disso, permite às crianças experimentarem a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que ela se sinta parte de uma comunidade de leitores com referência e cumplicidades mútuas (Colomer, 2007).

“E é esse compartilhamento que faz a leitura literária ser tão significativa em uma comunidade de leitores” (Cosson, 2009, p. 28).

A sugestão é justamente que a leitura coletiva seja uma estratégia de mediação e os ouvintes possam despertar o interesse pela palavra, pela temática, pelo som e pela imagem construídos a partir da escuta e leitura do livro.

Vale lembrar que a conversa literária não tem por objetivo facilitar a compreensão, mas provocar e unir os participantes, fazendo com que as crianças tenham o que conversar sobre a história e sobre o que aquele livro tem de especial, buscando e trocando as experiências sobre o texto lido. Entendemos que, nesse movimento ativo, é possível conhecer-se a si mesmo e ao outro. Por isso, a leitura em voz alta tem um grande potencial e apresenta-se como uma oportunidade para os futuros leitores passem de ouvintes individuais a coletivos e de leitores individuais a coletivos.

**Leitor individual:** lê, mas não expressa sua opinião para o grupo.

**Leitor coletivo:** compartilha a compreensão e arrisca interpretações.

**Ouvinte individual:** escuta a história.

**Ouvinte coletivo:** formula perguntas, opiniões e dialoga com a história.

**Dica:** a dinâmica da conversa literária funciona melhor com grupos pequenos, de no máximo 15 pessoas, que se sentam em cadeiras, almofadas ou tapetes em volta do mediador. Caso o grupo seja maior, é possível dividi-los em grupos menores, desde que tenha outro mediador — se for uma sessão simultânea — ou que a classe possa ser dividida com outro professor em momentos diferentes.



Acervo da equipe de trabalho.

Para iniciar e movimentar a conversa, sugerimos os tipos de perguntas formuladas por Chambers (2007): básicas, gerais e especiais.

<b>BÁSICAS</b>	<b>GERAIS</b>	<b>ESPECIAIS</b>
O que gostou na/da história?	Quando você viu o livro, qual foi a sua expectativa? Como ela se confirmou ou não?	O que você diria ao seu companheiro sobre o livro?
O que não gostou?		O que te surpreendeu no comentário de seus colegas?
O que causou estranhamento?	Qual característica dos personagens mais chamou a sua atenção?	<b><i>O que ficou na sua cabeça depois de ler este livro?</i></b>
De quais outras histórias você se lembrou enquanto ouvia o texto?	Que história ou histórias a ilustração conta?	

**Dica:** Esta última pergunta é fundamental para a sequência da mediação de leitura literária que estamos propondo.

A partir dessas perguntas e respostas, o diálogo e as reflexões são construídos entre mediador e grupo de crianças que vão ler e sentir individual e coletivamente, sempre buscando a negociação de sentidos. É uma leitura que se dirige do individual ao coletivo, por isso, o mediador (leitor experiente) precisa confiar no conhecimento das crianças e se preparar para ser surpreendido por suas reações, comentários, opiniões. Muitas vezes, as crianças vão por caminhos que não estavam no nosso roteiro, então cabe ao professor acolher as respostas e, se necessário, reorganizá-las, mas sempre respeitando e incentivando para que as crianças se sintam livre para se expressar em um espaço seguro, que se preocupa com o acolhimento das ideias no momento da conversa e valoriza cada uma das contribuições, entendendo que tudo merece ser compartilhado.

“Nem sempre os caminhos da imaginação são agradáveis, às vezes nem mesmo éticos. Com frequência, associamos o lugar da imaginação a algo onírico e leve, mas, por outro lado, quando estamos preocupados, podemos imaginar tragédias ou até elaborar pensamentos perversos, ou ainda imaginar notícias falsas. A imaginação também se sustenta em concepções que ressoam em todas as áreas da nossa vida” (Barbieri, 2021, p. 25).

## Simbolização

A conversa literária pode ser um momento de reflexão sobre múltiplas possibilidades de enxergar o mundo e construir novas formas de pensar, viver e sentir. Lendo histórias, produzimos outras histórias. Isso acontece porque o livro pode apresentar artisticamente uma situação ou criar no leitor a identificação com uma personagem ou o reconhecimento com uma época ou um cenário. A criança pode, até mesmo a partir dos materiais (tinta, carvão, papel), sentir algo diferente e ficar instigado por ele.

Sentimos durante a leitura e reagimos sobre o que foi percebido naquela história. Ler literatura é um jogo de ação e reação. Podemos dizer que durante a leitura de literatura somos afetados pelo que a história nos diz e pela forma como ela é contada.

Durante a leitura e depois dela, alguma coisa “fica” em nós. A partir da pergunta que está no quadro de Chambers (2007) “O que ficou na sua cabeça depois de ler e compartilhar a história?”, podemos pensar na sequência da mediação de leitura literária com a participação das expressões artísticas, refletindo sobre como responder àquela vivência literária. Nossa hipótese é que: se a gente sente algo, se ‘alguma coisa’ ficou na gente após ler a história, é possível que a criança expresse aquilo que permaneceu na sua ‘cabeça’.

Por isso, a nossa proposta é que a experiência não fique na cabeça e esquecida no tempo, mas que o aluno, depois de alguns anos e com novas experiên-



cias, possa se lembrar daquela história e daquela mediação de leitura literária, acionando ou revivendo a sua simbolização em um produto artístico concreto, como uma memória do que foi vivido.

**“A gente bota essas experiências fortes de lado, mas elas ficam acontecidas dentro da gente; e os fragmentos delas formam um novo desenho lá no fundo do nosso caleidoscópio. Um caleidoscópio que o TEMPO vai virando. Só que no nosso caleidoscópio as imagens viradas — mesmo parecendo que nunca mais vão voltar, acabam aparecendo de novo — porque a gente não deixa de ser cada desenho que criou” (Bojunga, 1988, p. 9).**

Assim, a ideia é oferecer possibilidades artísticas para o aluno responder à experiência literária. A sugestão para fechar o ciclo é que a criança elabore metáforas pelas “linguagens expressivas” que ficarão na memória. Em uma definição

simples, “metáfora é a substituição de uma forma de realidade por outra análoga, que possa substituí-la no significado” (Vecchi, 2017, p. 68). Ou seja, passamos a experiência literária para outra linguagem.

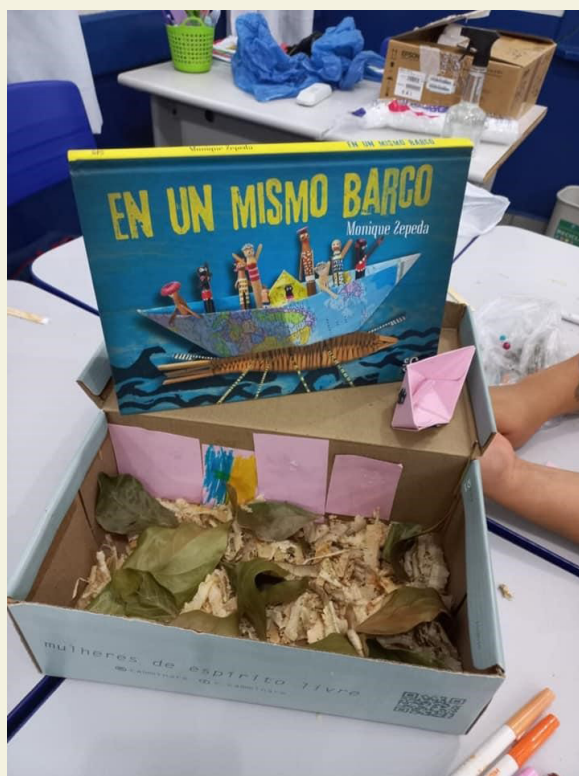


Acervo da equipe de trabalho.

Alertamos que não queremos ensinar a criança a desenhar ou que ela aprenda um novo gênero textual, retextualizando a narrativa lida (criar um final, mudar o foco narrativo da história etc.). Também enfatizamos que não é um trabalho de psicologia, para entender o que acontece com aquele grupo que está “brigando muito”. Sabemos, por princípio, que a literatura não resolve problemas. O que queremos é uma resposta leitora criativa a partir das linguagens expressivas, porque defendemos que a literatura é pensar por imagens,

e que ela aciona a imaginação, e como leitores podemos elaborar nossas vivências literárias.

É importante lembrar ainda que não importa a técnica artística propriamente, nem a perfeição de execução, mas sim a expressão da resposta, a necessidade das crianças em completarem o ciclo e tornarem-se agentes de sua resposta leitora.



Acervo da equipe de trabalho.

A arte e a literatura são linguagens férteis para explorar e manifestar a subjetividade. Elas conduzem a um caminho de ida e de volta entre o mundo interno

(individual) e o externo (coletivo). Nesse processo, passamos do individual ao coletivo e do coletivo ao individual.



Acervo da equipe de trabalho.



Produção própria

A tarefa é que o mediador elabore uma proposta para a criança passar da experiência literária a uma resposta em outra linguagem expressiva. Como a sugestão é a recriação de experiências, há um grande desafio, pois no trajeto há surpresas, possibilidades, reações, conversas, pausas, bem como desvios, fracassos, perdas, dificuldades. O professor deve estar atento aos desafios e ter em mente várias possibilidades de expressão (dança, teatro, música, colagem). O mediador deve ser um pesquisador de materiais alternativos (folhas, madeira, areia). Também entendemos que o próprio livro infantil lido deve ser explorado, porque ele mesmo sugere o trajeto de passagem de uma linguagem a outra. Logo, o mediador de leitura literária deve ser um investigador: nosso papel é de “experimentar”, ser um inventor de possibilidades de encaminhamentos para as vivências.

Consideramos que arte é aquilo que “interrompe” a normalidade, que “rompe” o hábito, porque nos transporta, nos surpreende e gera estranhamento. Acreditamos que linguagens expressivas boas para a simbolização são aquelas que exploram, investigam, fazem sentir e pensar. As crianças, quando experimentam, buscam, vasculham manifestações artísticas e diferentes materiais. Com isso, elas recordam, escolhem, interpretam e associam o material à experiência vivida na realidade e na literatura.

Muitas manifestações artísticas podem ser utilizadas, mas não é a técnica que importa, e sim a possibilidade de diálogo entre a leitura e a simbolização

da experiência. É importante ficar atento: devemos organizar nossas práticas para que não sejam entendidas como “atividades de entretenimento”, para passar o tempo e manter as crianças ocupadas, nem sejam transformadas em uma obrigação, cujo objetivo é aprender algo; mas, antes de mais nada, sejam uma resposta, uma expressão, sejam a possibilidade de organizar o que ficou da memória depois da leitura e assim de formamos leitores com experiência e experiências.

Sabemos que, embora não exista uma maneira única de viver a literatura, consideramos necessária a experimentação, isto é, quando o aluno tem a possibilidade de elaborar as suas emoções por meio de uma expressão artística.

A criatividade não tem como objetivo um produto específico, o objetivo é o processo em si, aquele momento de investigação e descoberta pessoal em que encontramos pistas sobre quem somos, onde estamos, o que queremos, o que sentimos ou como vemos a realidade. Esses caminhos são enriquecidos com o que cada um de nós pode acrescentar a partir de nossos conhecimentos e experiências com as artes. A arte como recriação nos ajuda a preservar os espaços da imaginação, expressa alegria, amor, esperança, e nos ajuda a visualizar novas perspectivas e possibilidades de futuro.

No que chamamos de simbolização, que é a última fase da prática de mediação de leitura literária, a orientação é a reconstrução da experiência em resposta artística. O desafio é oferecer à leitura literária uma “resposta criativa”, explorando diversas linguagens expressivas. Essas respostas, por meio das artes, incentivam as crianças a:

- pensar e criar por diferentes linguagens;
- acionar a imaginação;
- lembrar de outras referências e novos significados;
- relembrar memórias e experiências;

- explorar novos temas, personagens, situações, materiais e objetos;
- ser investigadoras e inventivas;
- gerar fatores-surpresa que quebram os padrões do previsível e das imagens estereotipadas, entre outros...

A aposta desta prática está em criar e investigar os processos criativos com as artes, experimentar outras formas de responder a sensações, sentimentos e entendimentos, inventando novos caminhos que permitam sair dos lugares-comuns. Ou seja, devemos convidar as crianças para dar respostas criativas às suas experiências sensíveis com a literatura e com o compartilhamento de ideias.

**“Para perceber, o espectador ou observador (leitor) tem de criar sua experiência. [...] Sem um ato de recriação, o objeto não é percebido como uma obra de arte. O artista escolheu, simplificou, esclareceu, abreviou e condensou a obra de acordo com o seu interesse. Aquele que olha deve passar por essas operações, de acordo com seu ponto de vista” (Dewey, 2010, p. 137).**



## Como propor a resposta criativa com as artes?

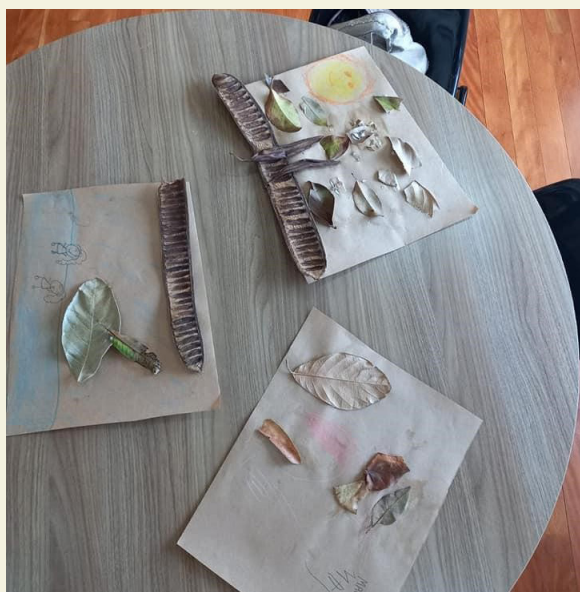
Os livros infantis contam uma história, que fica em nossa cabeça e no nosso corpo, afinal, corpo e mente não se separam. Sabemos que as histórias têm personagens, atmosfera, ritmo, sequência de acontecimentos, cenário, tempo, entre outros. Se pensarmos nesses elementos, nós, mediadores, podemos começar a investigar o que pode ser significativo nessa narrativa para que ela seja simbolizada. Nesta etapa, a criança transformará sua vivência individual com a história e com a conversa literária em uma expressão com materiais artísticos.

Se nossa concepção de arte (ou de artes) está centrada no que é belo, agradável, bem definido, isso limitará nossa investigação e proposta para as crianças, porque não vamos conseguir ampliar as possibilidades de expressão delas. Precisamos alimentar nossa imaginação com imagens originais, estranhas, complexas, diferentes do padrão. Entendemos que quanto mais experimentamos, mais interesse temos em ousar e nos arriscar em novos horizontes, transformando-nos em seres criativos.

**“Acontece com frequência que os professores fiquem excessivamente seduzidos pelas técnicas e tendem a propô-las às crianças, por meio de conhecimento simplificado das possibilidades expressivas, em vez de alimentarem diálogos sensíveis com a realidade” (Vecchi, 2017, p. 70).**

Além das técnicas artísticas, os materiais podem ter diferentes dimensões, cores, materiais, taticidade, sonoridade, mas devem ser capazes de acionar a memória e narrar uma cena ou descrever as sensações de um personagem, ou transformar o tema em experiências pessoais. Podemos também trabalhar com materiais inusitados, alternativos e que não sejam

necessariamente encontrados em papelarias, mas confeccionados pelas próprias crianças, os quais, muitas vezes, tornam-se “metáforas”, ou seja, são utilizados com outra função.



Acervo da equipe de trabalho.



Acervo da equipe de trabalho.

Quando expressamos uma ideia, trazemos as narrativas ao mundo pela linguagem, para nos relacionarmos com ela fora de nós. Quanto mais experimentações com

materiais diferentes, maior riqueza na expressão das sensações. Dimensão, forma, cor, textura e qualidade da superfície da folha de papel são características fundamentais para a elaboração de respostas criativas. O diálogo entre a criança, a experiência vivida e o material se concretiza e se torna visível por meio da simbolização de um produto visual, sonoro, teatral etc.

A ideia é que o mediador elabore a proposta e acompanhe o processo, e os alunos façam o seu trajeto investigativo. Muitas técnicas podem ser trabalhadas, como colagem, costura, dança, pintura, desenho. Elas podem ser simples, e o mediador não precisa ser um especialista em cada uma delas, porque o importante é o exercício, a experimentação, e não a perfeição.

Na sequência, sugerimos um quadro-guia para a proposição de uma simbolização da experiência de leitura literária.

<b>PERGUNTAS-GUIA PARA A SIMBOLIZAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Livro	
Qual é o tema da história: solidão, amor, relação entre irmãos, ausência dos pais etc.?	
É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	
É uma história de tradição oral ou contemporânea (tema ou modo de contar)?	
Quais características do personagem chamam mais a atenção?	
Quais os sentimentos dos personagens?	
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	
Qual é o material do livro (capa dura, papel reciclado, capa mole etc.)?	
Por que devo escolher este livro?	
Proposta/Pergunta:	
Materiais:	

Depois de preencher o quadro, é bom ter em mente alguns princípios:

1. o livro infantil é o gerador da proposta;
2. o objetivo é uma resposta criativa à leitura literária;
3. a imaginação é condição para a vivência;
4. a criatividade é determinante do caminho;
5. as experimentações das técnicas devem ser simples, mas diversas;
6. a pesquisa com materiais deve enriquecer a leitura.

Associamos esses princípios com propostas que partem dos livros e são desenvolvidas em conjunto com outras ideias que vão se acumulando, uma a uma, como se “uma ideia puxasse outra”, sempre pontuando a inventividade e buscando relacioná-la à história lida.

***A seguir, listamos algumas técnicas possíveis, mas reforçamos que a técnica não é o mais importante.***

**Dica:** pesquise as inúmeras possibilidades de linguagens expressivas.

**Desenho:** composição bidimensional na qual uma superfície é marcada por lápis, carvão, nanquim, grafite, pastel, caneta, pincel etc., dando formato a pontos, linhas e formas planas.

**Ilustração:** tipo de desenho que expressa alguma informação, remetendo a uma parte da história.

**Xilogravura:** gravada em madeira, isopor, borracha etc. A imagem se reproduz utilizando o material anteriormente gravado e possibilitando a reprodução de diversas imagens idênticas sobre papel ou outro suporte adequado.

Ela é invertida, já que depois de passar a tinta, a matriz deve ser decalcada em outra superfície.

**Pintura:** aplicação de pigmento em forma líquida a uma superfície bidimensional, de modo a colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas.

**História em quadrinhos:** relação de imagem (desenho) e texto, contando uma história.

**Colagem:** aplicação de vários materiais (recortes, tecido, texturas etc.) em diferentes suportes para criar uma nova linguagem.

**Fotografia:** captura de imagens com uma máquina fotográfica. A foto digital com a câmera do celular é um recurso acessível. Esta técnica considera: foco, ângulo, cores etc., para gerar novos sentidos.

**Performance:** forma de arte (dramática) que combina elementos do teatro, das artes visuais e da música.

**Cenografia:** construção de cenários (ambientes) de uma história.

Na sequência, apresentamos propostas de simbolização para três livros.



Acervo da equipe de trabalho.



<b>PERGUNTAS-GUIA PARA A SIMBOLIZAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Livro	Título: <i>Não é uma caixa</i> Autora e ilustradora: Antoinette Portis. Editora: Cosac Naify.
Qual é o tema da história: solidão, amor, relação entre irmãos, ausência dos pais etc.?	Imaginação e o próprio objeto como arte.
É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	Ilustrado – palavra e imagem.
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	Papel reciclado e desenho.
É uma história de tradição oral ou contemporânea (tema ou modo de contar)?	Contemporânea.
Quais características do personagem chamam mais a atenção?	O personagem principal é bastante inventivo.
Quais os sentimentos dos personagens?	Curiosidade.
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	Concretismo/surrealismo.
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	É de papel que imita uma caixa.
Por que devo escolher este livro?	Porque ele instiga a imaginação

Proposta/Pergunta:

*Não é uma caixa*, é o quê? Cada criança deve receber uma caixa de papelão e responder à pergunta.

Materiais:

Caixas de papelão de diferentes tamanhos

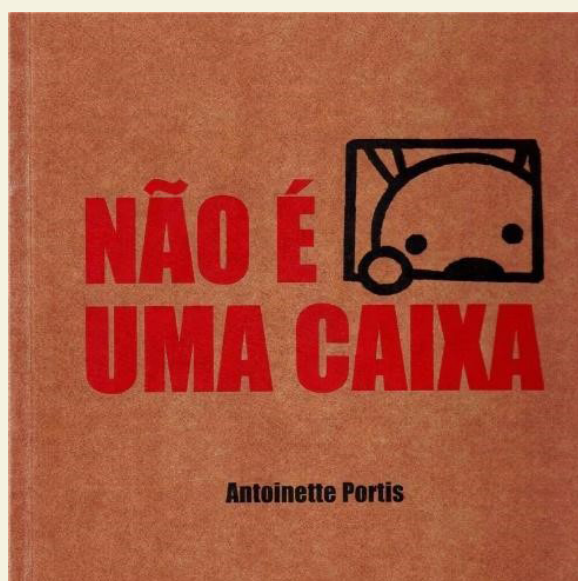
Tinta

Papel

Giz de cera

Tesoura

Cola



Autora e ilustradora: Antoinette Portis.  
Editora: Cosac Naify.



Acervo da equipe de trabalho.

<b>PERGUNTAS-GUIA PARA A SIMBOLIZAÇÃO</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Livro	Título: Nós Autora e Ilustradora: Eva Furnari. Editora: Moderna.
Qual é o tema da história: solidão, amor, relação entre irmãos, ausência dos pais etc.?	O sofrimento da personagem em se relacionar.
É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	Ilustrado – palavra e imagem.
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	Desenho.
É uma história de tradição oral ou contemporânea (tema ou modo de contar)?	Contemporânea.
Quais características do personagem chamam mais a atenção?	Uma menina que tem nós pelo corpo.
Quais os sentimentos dos personagens?	Tristeza e solidão.
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	Cores pastéis.
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	Não.
Por que devo escolher este livro?	Porque trata de um tema importante: a identidade.

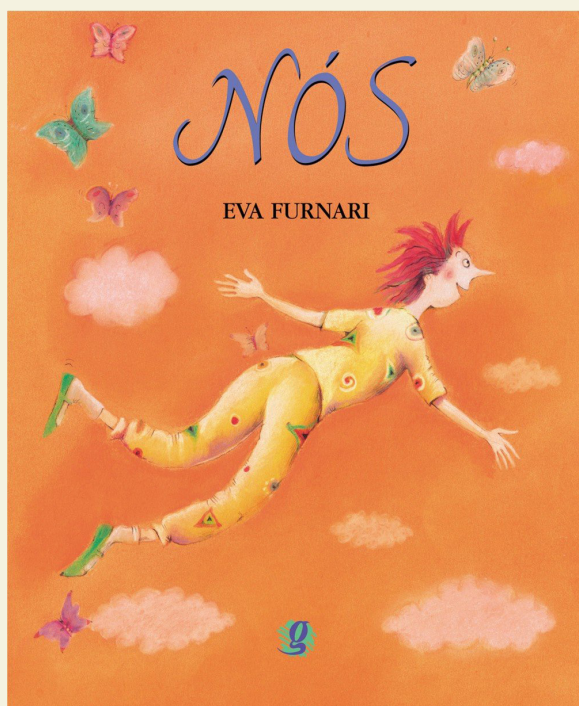
Proposta/Pergunta:

Em quais situações você já sentiu um nó na garganta?

Será disponibilizado um longo tecido de TNT amarelo. As crianças devem se sentar em círculo e cada uma segurar a ponta do tecido. Quando cada uma delas for responder à pergunta, tem que fazer um nó no tecido. Assim que todas as crianças já tiverem participado, elas vão recomeçar, na sequência, a desfazer os nós, contando para o grupo como elas fazem para “tirar o nó da garganta”.

Materiais:

TNT amarelo, porque é a cor predominante das ilustrações.



Autora e Ilustradora: Eva Furnari.  
Editora: Moderna.



Acervo da equipe de trabalho.

PERGUNTAS-GUIA PARA A SIMBOLIZAÇÃO	DESCRIÇÃO
Livro	<p>Título: <i>Com que roupa irei para a festa do rei?</i></p> <p>Autor: Tino Freitas. Ilustrador: Ionit Zilberman</p> <p>Editora do Brasil</p>
Qual é o tema da história: solidão, amor, relação entre irmãos, ausência dos pais etc.?	Vaidade e aparência.
É um livro de que tipo (ilustrado, de imagem, sem ilustrações, conto etc.)?	Reconto tradicional.
Qual é a técnica utilizada para a ilustração (aquarela, guache, lápis de cor, colagem etc.)?	Desenho.
É uma história de tradição oral ou contemporânea (tema ou modo de contar)?	Contemporânea.
Quais características do personagem chamam mais a atenção?	Cada personagem que aparece tem um figurino diferente.
Quais os sentimentos dos personagens?	Expectativa.
Na ilustração é comum ter referências a artistas visuais. Se tiver alguma suspeita, quais seriam as deste livro?	Referência a personalidades.
A capa, a contracapa, as orelhas do livro oferecem “dicas” que podem ser aproveitadas na leitura?	Não.
Por que devo escolher este livro?	Porque é lúdico e faz referência a outra história e outros



Proposta/Pergunta:

Com que roupa você vai à festa do rei?

As crianças serão convidadas a elaborar roupas para irem à festa do rei. Materiais:

TNT amarelo, porque é a cor predominante das ilustrações.

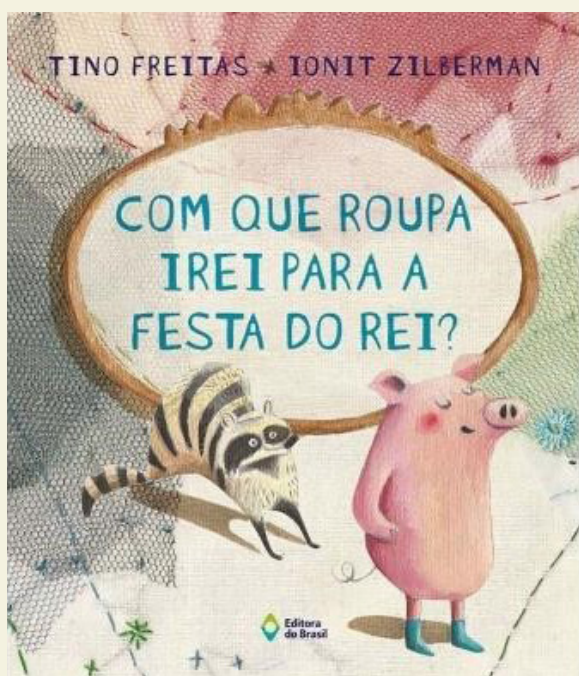
Materiais:

Tecido de vários tamanhos e estampas

TNT

Tesoura

Dependendo da idade, agulhas e linhas grossas.



Autor: Tino Freitas.

Ilustrador: Ionit Zilberman.

Editora do Brasil



Acervo da equipe de trabalho.

## Caminhando com os próprios pés



Acervo da equipe de trabalho.

O objetivo deste guia é oferecer um caminho para a mediação de leitura literária. Incentivamos os professores-mediadores a se aventurar nesta proposta como uma experiência aberta e fluida, em que sua personalidade e criatividade são o fio condutor da prática de formação de leitores literários na escola.

Há vários espaços nos quais a mediação de leitura pode ser re-

alizada, na rua, em bibliotecas, livrarias, feiras de livros ou instituições de ensino, entretanto, cada ambiente requer uma forma distinta de mediar para conduzir a conversa literária, e isso deve sempre ser considerado. O ambiente privilegiado por este guia, no entanto, é a escola, pois entendemos que em nosso país a criança acessa, predominantemente, o livro literário no contexto escolar.

Assim, cabe à sensibilidade e ao conhecimento do mediador adaptar as orientações descritas neste guia, tendo sempre em mente que buscamos que as crianças criem seu itinerário leitor. Para isso, os mediadores devem partir da percepção das realidades do grupo para oferecer novas experiências ou propiciar momentos para rememorar a leitura vivenciada e simbolizada.

Acreditamos que neste processo a escola abre caminhos para o diálogo literário, amplian-

do a escuta e procurando expandir o repertório e imaginário dos leitores em formação.

Por isso, nossa abordagem quer promover espaços democráticos e cooperativos mediante a seleção de livros metafóricos e significativos a fim de tornar as crianças leitoras de textos ficcionais, em um movimento contínuo de leitura individual para a coletiva e de volta à individual.

Defendemos que a mediação de leitura literária intensifica a dimensão socializadora da literatura, pois implica a escuta, as trocas de saberes, e, finalmente, a criança é convidada a simbolizar a experiência com a leitura literária em expressões artísticas.

Para tanto, recomendamos um percurso onde a seleção dos livros, a ambientação, a conversa literária e a simbolização da experiência com o texto e as expressões artísticas reafirmem a potência literária e os diferentes sentidos que a leitura pode oferecer.

A prática de mediação de leitura literária não deve nunca oferecer respostas prontas, não deve “fechar” as possibilidades interpretativas. Na interação entre o mediador, o leitor e os outros participantes do grupo se dá uma conversa horizontal, visando abrir espaço para uma “boa escuta” e uma “boa fala”. Desse modo, formaremos leitores aptos a ler literatura e sensíveis ao mundo.

Partindo das ideias descritas neste guia, compreendemos que os encontros literários são capazes de mobilizar os sentidos, expandindo o olhar, os pontos de vista, e de provocar a sensibilidade para o material estético, permitindo e estimulando que os leitores exercitem a leitura e a linguagem das artes.

Agora, convidamos a todos os mediadores a “viver” os livros nas escolas!

## REFERÊNCIAS

- AIDAR, Laura. Concretismo: o que é e as principais características do movimento artístico. *Toda Matéria*, [s. l.], [c2024]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/concretismo/>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- ARIZPE, E. Literatura infantil en contextos críticos de desplazamiento: el programa “Leer con migrantes”. In: PARA leer em contextos adversos y otros espacios emergentes. Ciudad de México, MX: Secretaría de Cultura, 2018. p. 23-63.
- BARBIERI, S. Territórios da invenção: ateliê em movimento. São Paulo, SP: Jujuba, 2021.
- BARTHES, R. A aula. São Paulo, SP: Cultrix, 2000.
- BOJUNGA, L. Livro: um encontro com Lygia Bojunga. Rio de Janeiro, RJ: AGIR, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 4. ed. São Paulo, SP: Duas Cidades; Rio de Janeiro, RJ: Ouro sobre Azul, 1995. p. 169-191.
- CERRILLO, P. El lector literario. Ciudad de México, MX: Fondo de Cultura Económica, 2016.
- CHAMBERS, A. Dime: los niños, la lectura y la conversación. Trad. Ana Tamarit Amieva. Ciudad de México, MX: Fondo de Cultura Económica, 2007b.
- CHAMBERS, A. El ambiente de la lectura. Trad. Ana Tamarit Amieva. Ciudad de México, MX: Fondo de Cultura Económica, 2007a.
- COLOMER, T. Andar entre livros: a leitura literária na escola. Trad. Laura Sandroni. São Paulo, SP: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. 2. reimp. São Paulo, SP: Contexto, 2012.
- DEWEY, J. Arte como experiência. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2010.
- DIEFENTHALER, D. “A arte contemporânea como provocação para a desconstrução dos estereótipos visuais infantis”. In: CUNHA, R. e CARVALHO, R. (org) Arte Contemporânea e docência com crianças: inventários educativos. Porto Alegre, RS: Zouk, 2021.
- LAJOLO, M. O que é literatura? 12. ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- LARROSA, J. Tremores: escritos sobre experiência. Trad. João Wanderley Geraldi e Cristina Antunes. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.
- MONTES, G. La frontera indómita: en torno a la construcción y defensa del espacio poético Ciudad de México, MX: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- PETIT, M. El derecho a la metáfora. Signo y señal, Buenos Aires, n. 19, p. 131-143, 2008.
- PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. 2. ed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo, SP: Editora 34, 2009.
- PINTO, Tales dos Santos. O que é arte rupestre? Brasil Escola, [s. l.], [c2024]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-arte-rupestre.htm>. Acesso em: 9 jul. 2024.
- RODARI, G. Gramática da fantasia. São Paulo, SP: Summus, 1982.
- VECCHI, V. Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo, SP: Phorte, 2017.
- ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. 10. ed. São Paulo, SP: Global, 1998.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cortez, Mariana

Literatura e artes: guia para promover mediações de leitura literária [livro eletrônico]/

Mariana Cortez. -- Foz do Iguaçu, PR : Editora Bemvinda, 2024.

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-980741-4-2

1. Arte e literatura
  2. Educação
  3. Leitura - Promoção
  4. Leitores - Formação
- I. Título.

24-229488

CDD-370.1523

Índices para catálogo sistemático:

1. Formação de leitores : Mediação de leitura  
370.1523

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



# LITERATURA E ARTES

Guia para promover mediações de leitura literária

MARIANA CORTEZ